

# ENSAIO FOTOGRAFICO: CULTURALIDADE RIBEIRINHA, UM ENSAIO ETNOFOTOGRAFICO NA ILHA DO COMBU

Ribeirinha culture, an ethnographic  
test in Combu island

Culturalidad ribereña, un ensayo  
etnofotográfico em la islã de Combu

Leonardo Silveira Santos <sup>1</sup>  
Flávia Cristina Araújo Lucas <sup>2</sup>

A experiência etnofotográfica apresentada nesse material nasce como produto da dissertação “Natureza, Cura e Práticas Religiosas: um estudo sobre a medicina tradicional nas ilhas do Combu e do Murutucum, Belém, Pará”. O trabalho foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - PPGCR, da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Buscou-se retratar através de diálogos e registros fotográficos o cotidiano de pessoas que vivem submersas no universo botânico-religioso de ecossistemas de várzea na região amazônica, realizados em pesquisa de campo ocorrida entre os anos de 2018 e 2020.

A vivência contada pela perspectiva do pesquisador, morador da área urbana de Belém se inicia com a travessia às ilhas, mais precisamente pela praça Princesa Izabel, no bairro da Condor, onde é possível realizar a locomoção do continente às insulas. Nos últimos 7 anos, o lugar vem ganhando notoriedade no transporte de pessoas e mercadorias, alavancado pela recente explosão turística da ilha do Combu com seus restaurantes e atrações de lazer aos visitantes. Na praça, o trânsito constante de pessoas e o comércio formado em seu entorno chamam a atenção de imediato. Vendedores de bebidas e lanches, flanelinhas e estacionamento privado (pago), propagandistas de restaurante e barqueiros tiram o sustento na dinâmica econômica desse pequeno porto. A praça é o elo de contato das ilhas com a cidade de Belém e, nas idas e vindas de barqueiros, o mundo se revela no balanço das águas, no barulho dos barcos, rabetas, lanchas e até do famoso “pôpôpô”. As embarcações levam e trazem consigo não só turistas ávidos pelo contato perdido com a floresta e o rio, mas histórias de vida de moradores, de pessoas comuns possuidoras de uma culturalidade própria; a partir delas transitam mercadorias indispensáveis a sobrevivência de quem mora *do outro lado do rio*. Enquanto o turismo atrai o cidadão às ilhas, a cidade atrai os ribeirinhos pela necessidade de serviços essenciais<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará - UEPA; e-mail: leonardo.santos@uepa.br; currículo lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6243516592425183>>

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Biológicas pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - Núcleo Biologia Tropical e Recursos Naturais, Manaus-AM. Docente do quadro efetivo da Universidade do Estado do Pará; e-mail: copaldoc@yahoo.com.br; currículo lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4286675736752972>>

O viajar pelo rio Guamá acena a beleza hídrica das águas barrentas, de coloração amarronzada, riquíssimas em sedimentos orgânicos, efeito da densidade, do clima e da geomorfologia do território amazônico que colore essas águas caudalosas. O rio parece ter um “que” de humano, de animal, com suas águas temperamentais. Têm dias de calma, mansidão; em outros mostra-se furioso, dependendo do horário do dia ou da sazonalidade. O rio que embala nossa viagem não é um mero caminho obrigatório, é iniciação, ensino e fascínio. Não à toa Josué de Castro (2005, p.16) o considera seu melhor professor de história, foi ele que lhe mostrou a realidade social e os caminhos que levaram a ocupação das margens. É um ente que cobre e recobre a terra de várzea, fecunda o solo e regenera sua vegetação. O rio é generoso, alimenta sem cobrar nada, “pai do pobre”, como bem retrata a obra de Dalcídio Jurandir (2019, p.295). É também morada de seres místicos tão comuns nas narrativas amazônicas, é encanto, encanto. Mas talvez Paes Loureiro (2001) tenha imprimido a mais simples e completa definição “o rio é tudo”.

Pelo rio, de longe nota-se que a margem do Combu, voltada para Belém, se transformou em terreno fértil para os restaurantes, a cada visita a paisagem se modifica com novos empreendimentos. Mas não são só eles que germinam nesse ambiente anfíbio, igrejas pentecostais se multiplicam por toda a ilha com velocidade parecida, em cada região da ilha é possível notar sua presença, com as mais variadas denominações, tamanhos e arquiteturas. Antigas e recém chegadas congregações dividem espaço nesse lugar imerso em crenças amazônicas. Pajelança, Catolicismo, Religiões Africanas e Pentecostalismo se entrelaçam para formar algo novo. Tudo é fé, tudo é esperança. A coexistência de religiões está presente na incorporação e na resignificação de ritos e elementos rituais.

Nesse ambiente inundado, uma população vive em estreita relação com o rio, a biodiversidade e a sobrevivência com o manejo dos recursos naturais. Detentores de um saber adaptativo a sazonalidade das marés, que flutuam diariamente, os moradores das ilhas moram em casas suspensas e nos convidam a adentrá-las por meio de trapiches para que possamos conhecer suas histórias. No mês de março, a época das grandes águas, suas casas parecem flutuar na paisagem híbrida das ilhotas. Na floresta, assim como no rio, se tira de tudo um pouco. Caça, colheita, madeira e remédio. A farmácia ribeirinha se ancora nesse verde imponente “*tudo é remédio*”<sup>4</sup>. O mesmo verde que abraça as casas é o que pulsa na cura, ganha sacralidade e se mistura as práticas religiosas. “*Deus unge esse remédio*”<sup>5</sup>, revelação fortemente embasada em experiências com medicamentos elaborados com as plantas da floresta. Como bem define Lucas *et al.* (2017), nesse universo botânico emerge uma trama de saberes que curam e purificam.

Pelas mãos das especialistas corre a seiva da esperança para muitos desalentados, enfermos, que por vezes foram desenganados pela medicina ocidental. Verdadeiros arquivos vivos, suas histórias se confundem com a história do lugar. Os anos de experiência no cuidar fazem com que elas sejam portos seguros para os ribeirinhos, que depositam esperança no remédio e no vínculo celestial dessas mulheres, que se reforça com os vários casos de êxitos no enfrentamento de doenças. Parteiras, remedeiras, curandeiras, garrafeiras, benzedoras etc., funções sociais fundamentais na melhora da precariedade dos serviços públicos de saúde.

## Referências

CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2 ed., 2005.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. Bragança: Pará.grafo, 8 ed., 2019.

---

<sup>3</sup> Os atendimentos de saúde mais especializados só podem ser feitos em hospitais de Belém

LUCAS, Flávia Cristina Araújo; GURGEL, Ely Simone Cajueiro; LOBATO, Gerciene de Jesus Miranda. Panorama dos Estudos Etnobotânicos na Amazônia: Caminhos para reflexão. In: LUCAS, Flávia Cristina Araújo. (Org.), MORAES JR, Manoel Ribeiro de. (Org.), JÉRÔME, Laurent. (Org.), DAVIDISON, Robert. (Org.), COSTA JR, Josias da. (Org.). *Natureza e Sociedades: estudos interdisciplinares sobre Ambiente, Cultura e Religião na Amazônia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. p. 17-42.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Obras Reunidas*. São Paulo: Escrituras, 2001.



---

<sup>4</sup> Uma narrativa presente entre as especialistas.

<sup>5</sup> Trecho de entrevista realizada com uma especialista que frequenta a igreja pentecostal de sua comunidade.

























**Recebido em 07/08/2020**

**Aceito em 10/08/2020**



